

Cipriano e o tratado *De habitu uirginum*: a construção de fronteiras entre as virgens cristãs e a busca pela pureza na igreja de Cartago (séc. III d. C.)

*Cyprian and the treatise De habitu uirginum: the construction of
boundaries among the Christian virgins and the search for purity in
the church of Carthage (third century AD)*

Carolline da Silva Soares*

Resumo: O tratado *De habitu uirginum* foi composto em 249 d. C. por Cipriano, bispo de Cartago entre 249 e 258. Este opúsculo apresenta elogios feitos às virgens cristãs, tratadas como mulheres virtuosas, mas também assinala as cautelas e as prevenções que elas devem ter em relação às tentações do mundo, que podem levá-las a abandonar a *puđicitia*, considerada, pelo bispo, como algo excelso e primordial para o funcionamento da comunidade cristã. Nosso objetivo, nesse artigo, é analisar as admoestações e os códigos de conduta emanados por Cipriano em relação às virgens cristãs – por exemplo, os espaços da cidade que elas podiam ou não frequentar, bem como o modo que elas deviam se vestir e se portar –, como meio de estabelecer as fronteiras entre as “verdadeiras” virgens e preservar a pureza dentro da comunidade cristã cartaginesa de meados do século III d. C.

Abstract: The treatise *De habitu uirginum* was written in 249 AD by Cyprian, bishop of Carthage between 249 and 258. This work presents the praises regarding the Christian virgins, treated as virtuous women, but also indicates the cautions and precautions they should take in relation to the temptations of the world, which may lead them to abandon the *puđicitia* considered, by the bishop, something sublime and essential to the functioning of the Christian community. Our purpose in this article is to analyze the admonitions and codes of conduct issued by Cyprian in relation to the Christian virgins – for example, the spaces of the city they could and could not attend, as well as how they should dress and behave – as a means of establishing the boundaries between the “true” virgin and preserving the purity within the community in Carthage.

Palavras-chave:

Cipriano;
Cartago;
Virgens;
Fronteiras;
Pureza.

Keywords:

Cyprian;
Carthage;
Virgins;
Boundaries;
Purity.

Recebido em: 21/05/2013
Aprovado em: 08/07/2013

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo sob a orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Bolsista Capes.

Cristianismo e Império Romano

O riundo de um ambiente sob o domínio do Império Romano, o cristianismo surge em meio a uma grande diversidade cultural. Nos primeiros séculos, a expansão do movimento cristão foi acompanhada por um processo dinâmico e intenso de mudanças sociais, paralelamente ao surgimento de novos valores e atitudes comportamentais, “tais como o valor intrínseco do ser humano e a ideia de igualdade moral entre homens, mulheres, escravos, etc.” (SIQUEIRA, 2003, p. 375).

Os cristãos foram influenciados pelo contato com judeus e pagãos, constituindo, assim, a Igreja. As tensões entre as diversas crenças presentes no Império foram constantes e cotidianas, tendo, como fator positivo, a construção de uma identidade própria para os cristãos. O ambiente no qual o cristianismo surgiu foi marcado “por um enfrentamento contínuo, no tempo e no espaço, entre, por um lado, as tradições religiosas de filiação greco-romana e judaica e, de outro, as concepções e valores cristãos” (SILVA, 2011, p. 33).

O movimento cristão tentou se distanciar tanto do judaísmo quanto da religião greco-romana. Cresceu, se solidificou e se direcionou em busca de uma personalidade própria. Contudo, esse processo não foi isento de crises e rupturas, de forma que, em determinados momentos, ficou impossibilitado de se definir em relação a um contexto mais amplo, ou seja, o do Império Romano.

No século II d. C., as comunidades cristãs já estavam disseminadas por toda a bacia do Mediterrâneo – até mesmo fora dela – e separadas por longas distâncias. Até cerca do ano 150 d. C. os cristãos ainda não possuíam um conjunto de regras sistematizadas nem um livro próprio. Cada comunidade possuía um comportamento conveniente e era dirigida por uma liderança local. Havia variadas interpretações sobre a conduta e os ensinamentos de Jesus e de Paulo. Ainda não existia um consenso em relação ao conceito de Deus e de Igreja. O pensamento cristão era muito diversificado. Não havia, também, uma divisão estabelecida entre os papéis de homens e mulheres nas comunidades. As diversas comunidades cristãs disseminadas pelo vasto território sob o domínio romano demonstram que cada grupo cristão se formou com características próprias (SIQUEIRA, 2004, p. 19-25).

A constituição da Igreja não ocorreu sem conflitos e negociações. Sucederam-se diversas crises internas essenciais ao aparato teológico, ainda muito semelhante, em

alguns aspectos, ao judaísmo, mas com indagações externas oriundas da bagagem simbólica da religião greco-romana. Nesse ambiente, o movimento cristão não se encontrava em posição de confronto, mas de questionamento interno. Essa situação desencadeou uma série de contestações externas e internas ao movimento cristão, uma vez que, do final do século II até meados do século III, o seu desenvolvimento teológico não estava completamente constituído.

Os escritores cristãos se depararam com diversas questões oriundas tanto do interior do movimento quanto de fora dele. Tais conflitos foram combatidos por meio de apologias, tratados, debates e cartas. Alguns concílios ecumênicos também foram reunidos para debater acerca desses questionamentos.¹ Nesse processo dinâmico, desencadeou-se a construção das normas hierárquicas e eclesiais da Igreja e o estabelecimento das regras que abarcaram, também, a situação das mulheres.

O discurso cristão acerca das mulheres

Há diversos relatos acerca da presença de mulheres nas fontes neotestamentárias. Elas aparecem, geralmente, como seguidoras de Jesus e de Paulo e contribuem para a expansão do cristianismo. Mesmo assim, não distinguimos nenhuma que “tenha exercido uma liderança ‘oficial’ no movimento cristão, ou uma posição ativa nas comunidades, ou, ainda, alguma obra desse período reconhecidamente de autoria feminina” (SIQUEIRA, 2003, p. 376). Em suma, nenhuma figura feminina foi admitida como liderança aceita e legitimada nessas comunidades.

Quando se iniciou o processo de institucionalização da Igreja, não houve a formação de ministérios exclusivos para as mulheres. Elas foram excluídas dos postos de liderança, conforme estabelecia o costume judaico.² No entanto, paralelamente, parece que existiu uma categoria de ministérios femininos sem título determinado (ALEXANDRE, 1990, p. 531).

¹ As primeiras reuniões conciliares de que temos notícia ocorreram durante o século III d. C. em Antioquia, na Ásia Menor e no norte da África, em Cartago, como atesta Cipriano em algumas de suas cartas.

² De acordo com Siqueira (2010, p. 155), “a aspiração a uma organização monolítica era parte integrante dos anseios da Igreja Universal, entretanto, isto não foi muito fácil. Ter uma estrutura organizacional em que o poder fosse exercido por uma minoria exigia que medidas rigorosas fossem estabelecidas e controladas. As disputas internas pelos cargos de bispos tornaram-se cada vez mais ferrenhas”.

Existiram mulheres que profetizavam e afirmavam possuir carismas, outras diziam possuir o dom da revelação. No século II surgem diversos movimentos “marginais” dentro do cristianismo, denominados de heresias,³ como o gnosticismo, o marcionismo e o montanismo, oriundos em geral das províncias orientais do Império Romano, da região entre Antioquia e o norte da Mesopotâmia.

Muitas mulheres aderiram aos movimentos “heréticos”, uma vez que dentro da “Igreja oficial” não encontraram espaço para desenvolverem seus dons e sua liderança, sendo afastadas das tarefas de ensinar e do sacerdócio. Num processo gradativo, que seguia rumo à organização e à hierarquização da Igreja, elas foram afastadas das funções de direção no seio do movimento como um todo, exercendo, muitas vezes, um poder informal.

Dentro dessas comunidades, destacaram-se inúmeras mulheres que optaram por seguir sua fé livremente. Apesar das diferenças internas, estes grupos concederam aos membros femininos o respeito e uma participação maior nos postos de liderança, o que cada vez mais era negado às mulheres nas comunidades cristãs mais institucionalizadas dos séculos II e III (PAGELS, 1992, p. 112). A participação feminina nesses movimentos também funcionou, de certa maneira, como uma alternativa às obrigações familiares, principalmente para as mais ricas. Estas tiveram a possibilidade de controlar os seus bens e viajar para vários lugares como “santas peregrinas”, fundando instituições que elas próprias geriam (PAGELS, 1992, p. 26).

A literatura cristã dos primeiros tempos e a Patrística foram responsáveis por reformular uma gama de discursos de clérigos e monges, apresentando diversas teorias, normas e regras direcionadas às mulheres. São discursos que, de uma forma ou de outra, instituíram um arquétipo comportamental, prevalecendo as versões mais rígidas que se adaptavam aos propósitos da Igreja. Os escritores cristãos estabeleceram prescrições rigorosas em relação aos comportamentos religiosos e sociais. A isso, seguiu-se um extremo rigor no tocante ao corpo, como renúncia sexual, virgindade, um único casamento, uma nova percepção corporal, a abstinência absoluta, jejum e a flagelação do corpo (BROWN, 1990, p. 78).

³ Os autores desse período nomearam esses grupos como “heresias”. O termo vem do grego *haíresis*, em que *haíren* tinha o sentido de escolha ou doutrina. A palavra recebeu um sentido pejorativo com o advento do cristianismo e passou a significar “doutrina que está fora da Igreja”, ou seja, tudo aquilo que está fora dos princípios da fé cristã (RIBEIRO JR., 1989, p. 19).

Nos círculos cristãos havia uma multiplicidade de interpretações relacionadas à continência. A abstinência sexual teve um destaque importante, pois acreditava-se que tal comportamento, sobretudo a virgindade – *pudicitia* –, tornava o corpo humano um veículo mais propício para acolher a inspiração divina (BROWN, 1990, p. 64).

A conversão ao cristianismo acarretava uma série de mudanças na vida do indivíduo. Ela trazia consigo a necessidade de alteração de algumas atitudes em relação a si próprio, aos outros, à natureza e a Deus, com um novo sentido de obrigação política e social (SIQUEIRA, 2003, p. 375). Em relação ao lugar ocupado pelas mulheres, sobretudo pelas virgens, isso foi bem marcado dentro dos círculos cristãos.

O ideal de mulher cristã seguiu, de certa forma, o ideal da mulher romana e, sobretudo, da mulher judia. Desde o tempo dos apóstolos, os escritores cristãos se preocuparam em disseminar suas opiniões acerca das mulheres cristãs, “seguindo o exemplo paulino de estabelecer um código de conduta para a mulher no âmbito privado, que aproxima-se muito do modelo judaico” (SIQUEIRA, 2004, p. 34).

O conceito ideal de mulher no imaginário romano foi formulado e imposto pelo homem, como afirma Finley (1990, p. 145). Era esperado que as mulheres manifestassem as virtudes tradicionais de modéstia, castidade e devoção aos deuses e à família. Era-lhes negada uma posição social pública, a menos que fizessem parte da família imperial.

Entre os judeus, as mulheres eram afastadas da vida pública, sendo-lhes negado o sacerdócio. Também eram excluídas da circulação de bens e não podiam herdar nem adquirir propriedades. Dentro do Templo, havia um lugar reservado para o público feminino, a parte oriental do átrio central, denominado “o átrio das mulheres”, enquanto que nas sinagogas as mulheres ocupavam lugares especiais, geralmente atrás das grades divisórias. Apesar disso, houve, tanto entre as romanas quanto entre as judias, mulheres que tiveram preeminência política e social e que não se encaixaram nesses modelos desejados pela sociedade em que se inseriam.⁴

⁴ Em relação às mulheres das comunidades judaicas, Siqueira (2004, p. 75) relata que as informações que dão conta de perceber as alternativas existentes a esse tipo de comportamento tido como “ideal” estão presentes em autores como Jesus Ben Sira, Flávio Josefo, Filo de Alexandria, além de papiros e inscrições que demonstram outro aspecto. Algumas inscrições presentes em Roma, na Ásia Menor e em torno da bacia do Mediterrâneo referem-se a mulheres dirigentes de sinagogas; a mulheres convertidas ao judaísmo; ricas e independentes; chefes de família. Antigas doadoras aparecem em inscrições de agradecimento à contribuição financeira feita por mulheres judias à sinagoga e à comunidade. Inscrições de documentos de manumissão testificam a participação das mulheres judias, proprietárias e escravas, na antiga economia escravista. Algumas dessas inscrições são datadas do século I d. C. e outras ainda são de

Diante do exposto acerca do comportamento esperado das mulheres romanas, em especial da mulher cristã, nosso objetivo, nesse artigo, é analisar os códigos de conduta emanados por Cipriano, bispo de Cartago entre os anos 249 e 258, códigos estes presentes no tratado *De habitu uirginum*, composto em 249, e que tem as virgens cristãs como destinatárias.

Cipriano de Cartago e o Tratado *De habitu uirginum*

A princípio adepto da religião greco-romana, *Thascius Caecilius Cyprianus* era de origem africana, mais precisamente da província da *Africa Proconsularis*, da cidade de Cartago, território que corresponde à atual Túnis, capital da Tunísia. A data exata do seu nascimento é desconhecida, provavelmente esta se situa entre os anos 200 e 210, pois tal cronologia se ajusta a alguns fatos de sua vida, como evidenciado por ele mesmo em sua obra. A família de Cipriano era pagã, culta e de boa posição social. Cipriano estudou retórica e chegou a exercer a profissão de professor e de advogado em Cartago. Estas são, basicamente, as datas e os fatos dos quais dispomos acerca da vida de Cipriano anteriores à sua conversão ao cristianismo.⁵

A sua conversão se produziu em torno de 245-246. Depois de convertido, decidiu guardar celibato, vendeu boa parte de seus bens e doou como esmola, repartindo parte do dinheiro com os mais pobres. Dedicou-se, num primeiro momento, ao estudo das Escrituras e logo foi designado presbítero, uma vez que a comunidade cristã considerou-o como um indivíduo que encarnava os preceitos fundamentais de um *modus uiuendi* cristão: a caridade e a oração. Tal era o seu prestígio na igreja cartaginesa que, em finais de 248 e princípios de 249, ao morrer o bispo Donato, foi

período anterior. Pensa-se que muitas dessas inscrições podem ter sido encomendadas e pagas por mulheres (KRAEMER, 1999, p. 54).

⁵ Tais informações foram transmitidas de forma direta na *Vita Cypriani*, conservada em um número significativo de manuscritos, que Jerônimo atribui a Pôncio, diácono de Cartago. Outras fontes que foram conservadas são as atas proconsulares de Cipriano, comumente conhecidas como *Passio Cypriani*, que descrevem detalhadamente o processo de Cipriano ante o tribunal proconsular em Cartago, nos tempos de Valeriano, e que culmina com o martírio do bispo, em 258. Dispomos também das obras escritas pelo próprio Cipriano, sobretudo as suas *Cartas*. No entanto, em relação ao período anterior à sua conversão, Cipriano se mostra reticente. Para reconstituir o seu passado pagão devemos recorrer aos autores posteriores, principalmente os dos séculos IV e V, como, por exemplo, Lactânio, na *Diuinae institutiones*; Agostinho, no tratado *De doctrina Christiana* e no sermão *In Natali Cypriani*; Eusébio de Cesareia, na *Historia ecclesiastica*; além de Jerônimo, como mencionado acima (GÓMEZ, 2002, p. 23).

eleito para ocupar a cátedra episcopal por aclamação popular, apesar de ser ainda um neófito. O episcopado de Cipriano abarcou quase uma década. Durou de 249 a 258. Nesse ínterim, a comunidade cristã da capital norte-africana se viu golpeada tanto por elementos externos – perseguições de Décio e Valeriano – quanto por problemas de ordem interna: cismas e questões eclesiásticas, como o problema do rebatismo dos *lapsi*.

Considerando como marco geográfico a cidade de Cartago, no norte da África, e como período cronológico a época em que Cipriano atua e escreve, ou seja, meados do III século –uma época tida como turbulenta, na qual o Império enfrentou vários problemas –, podemos perceber, com base nos escritos de Cipriano, as relações cotidianas entre os cristãos desta *ciuitas* romana. Nesse contexto, observamos que, após a conversão, as práticas dos cristãos no dia a dia nem sempre eram realizadas de acordo com as deliberações emanadas pelas lideranças eclesiásticas. Os conversos ao cristianismo, entre eles as mulheres, muitas vezes não abandonavam, na totalidade, os hábitos e costumes identificados com um *modus uiuendi* pagão e/ou judaico, como, por exemplo, a presença nos teatros, nas arenas, nos anfiteatros, nas termas, nas sinagogas e nas festas cívicas e, também, o uso de determinados tipos de vestimentas, de enfeites e adornos, no caso específico das mulheres convertidas ao cristianismo.

Em *De habitu uirginum*, Cipriano previne as virgens a não portar vestidos ostentosos, não utilizar enfeites na face, adornos e tinturas nos cabelos. Aconselha, ademais, a não estarem presentes nas bodas, nos banquetes, nos teatros e nos banhos públicos. A fonte principal de inspiração de Cipriano, na confecção deste opúsculo, é a obra *De cultu feminarum*, de Tertuliano, com algumas reminiscências de *De pudicitia* e *De uirginibus uelandis*, do mesmo autor, que serviram-lhe de inspiração para suas argumentações, mas não nas formas de expressão, pois, segundo Julio Campos (1964, p. 121), Cipriano não segue o mesmo estilo explosivo de Tertuliano. Ao contrário, mostra um desenvolvimento ciceroniano, ainda que moderado, sem cair no excesso de redundâncias dos outros tratados. Além disso, para Campos (1964, p. 121), Cipriano é o primeiro autor eclesiástico latino que trata da prática da virgindade de uma maneira mais sistemática.

Pensamos que o objetivo de Cipriano ao elaborar o *De habitu uirginum* era convencer as virgens cristãs de Cartago a deixarem o luxo e a vaidade das vestimentas de lado e adotarem uma nova maneira de se vestir, mais adequada às mulheres que

professam a “nova religião”. Parece que o alvo de Cipriano era justamente uma parcela da população feminina cartaginesa, ou seja, as virgens cristãs mais abastadas, que se preocupavam, assim como as mulheres de Roma, com elegância, moda, perfumes, maquiagem, joias e outros adereços. Tais atributos, juntamente com um comportamento específico compatível com a posição social, eram primordiais para compor um modelo de beleza feminino entre aquelas que ocupavam um lugar social de destaque na sociedade romana.

As mulheres se ocupavam muito com o embelezamento, perdiam horas diante de um espelho, num verdadeiro ritual cotidiano, ora modelando os cabelos num elaborado arranjo, com ajuda das escravas; ora fazendo uso de tinturas para cobrir os cabelos brancos, e até de perucas. Possuíam muitos cuidados, também, com os dentes, que deveriam ser bem brancos, além da atenção dispensada à maquiagem, aos perfumes e à depilação das pernas.

Em um excerto do tratado, Cipriano diz que “há algumas [virgens] que, a pretexto de serem ricas e opulentas, fazem ostentação de seus bens” (*De habitu uirginum*, 7),⁶ e que “a uma virgem não condiz jactar-se de suas riquezas” (*De hab. uirg.*, 10). Acerca das virgens cristãs que continuavam com seus antigos hábitos de beleza, Cipriano as compara a prostitutas, dizendo: “ornamentos, roupas decoradas, vestidos chamativos e artifícios de beleza caem melhor nas prostitutas e desavergonhadas, pois nenhuma, em geral, carrega maior luxo que aquela cujo pudor está depreciado” (*De hab. uirg.*, 12).

Assim, ao se converterem ao cristianismo, as neófitas deveriam ultrapassar o aspecto da crença, ou seja, a conversão exigia uma série de mudanças. Não bastava apenas frequentar as reuniões e orar juntas, era essencial comportar-se com recato, “adotando um comportamento e um estilo de se vestir mais discretos, apresentando, assim, não apenas uma alteração em nível espiritual, mas determinado tipo de exteriorização da opção religiosa” (SIQUEIRA, 2011, p. 186). Acerca desse assunto, Cipriano declara:

Não basta, ademais, que sejas virgem; é necessário que se considere como tal, de modo que ninguém, quando vê uma virgem, duvide que seja realmente. Em todos os aspectos deve apresentar-se com igual brilho sua pureza, sem que o luxo do corpo esconda a virtude do espírito (*De hab. uirg.*, 5).

⁶ A versão que utilizamos da obra de Cipriano encontra-se na tradução bilíngue espanhol-latim, de Julio Campos (1964). A tradução para o português é nossa.

Os espaços da cidade antiga, como os teatros, os anfiteatros, as termas, as sinagogas, são, para Cipriano, lugares perigosos, pecaminosos, poluidores que deveriam ser evitados a todo custo pelos cristãos e, sobretudo, pelas virgens. Em virtude disso, o bispo tenta impedir o trânsito dos fiéis por tais lugares, “como uma maneira de bloquear as relações de sociabilidade que estimulavam o contato frequente e cotidiano entre cristãos, judeus, e pagãos” (SILVA, 2011, p. 35).

Referindo-se às virgens que continuavam a frequentar os banhos públicos romanos, mesmo depois de convertidas ao cristianismo, Cipriano pronuncia:

E o que se dirá das que vão aos banhos em promiscuidade, e prostituem a castidade ante os olhares curiosos e lascivos? Quando ali veem os homens nus e são vistas por eles com falta de vergonha, por acaso não encorajam e provocam a paixão dos presentes para sua própria vergonha e desgraça? [...] Mais te suja que te lavas este banho, não te limpa os membros, mas mancha-os. Você poderá não ver as coisas com olhos desonestos, mas os outros assim olharão a ti (*De hab. uirg.*, 19).

O bispo chama a atenção àquelas virgens que se exibiam nesses lugares ao dizer:

Faz do banho um espetáculo mais vergonhoso que o teatro aonde vai. Lá todo recato está excluído; lá se desprende, enquanto a roupa protege, de sua dignidade e pudor, o corpo, se põem descobertos os membros virginais para ser objeto de olhares e curiosidade (*De hab. uirg.*, 19).

As *thermae* eram um dos edifícios mais característicos das cidades romanas e ocupavam um papel considerável na vida cotidiana, tanto dos habitantes das províncias como dos habitantes da Capital. Eram nestes banhos públicos que, segundo Grimal (2003, p. 84), “uma vez terminado o dia ‘oficial’ se vai calmamente esperar a hora do jantar. Faz-se um pouco de exercício, relaxa-se sob as mãos do massagista, conversa-se, petiscam-se algumas guloseimas fornecidas por vendedores ambulantes. É também aí que se promovem os encontros de negócio ou de amizade [...]”. Há toda uma discussão existente entre autores antigos e modernos em relação à configuração das *thermae*. Os debates levam em consideração se estas construções possuíam um espaço próprio para as mulheres ou não; se havia um horário específico para o banho delas; ou em que período se iniciou a prática dos banhos mistos. Acerca desta contenda, observamos, na literatura antiga – como Juvenal, nas *Saturae*; Marcial, em alguns de seus *Epigramas*; e

Clemente de Alexandria, em seu *Pedagogos* –, que o banho misto era uma prática comum para todas as categorias de pessoas, incluindo as mulheres.⁷

Em um território de temperaturas elevadas, como o do norte da África, as *thermae* eram essenciais, muito mais que em qualquer parte do Império Romano, sobretudo em Cartago (AUDOLLENT, 1901, p. 312), onde os arqueólogos registram alguns vestígios desse tipo de edifício, sendo o mais conhecido as *Thermae Antonini*, erigidas sob o governo de Antonino Pio. Cipriano, ao que tudo indica, tinha conhecimento da existência do banho misto nas *thermae* de Cartago, e seus argumentos sugerem que este era habitual e bem popular na cidade, o que o faz levantar uma grande polêmica acerca desta prática, direcionada às virgens cristãs (WARD, 1992, p. 144).

Assim como Tertuliano,⁸ Cipriano preza um modelo ideal de mulher, ou melhor, um modelo ideal de mulher cristã, ou seja, a virgem. Ao aconselhar suas companheiras de crença, valoriza a virgindade – a *pudicitia* – e deixa claro que a mudança de religião requer uma transformação, também, nos hábitos cotidianos. Para Cipriano e outros eclesiásticos, “a cidade antiga, ao tolerar a presença feminina em locais públicos, estimulava a licenciosidade e a prostituição, emblemas do *modus uiuendi* greco-romano e judaico” (SILVA, 2011, p. 35), colocando, assim, em risco um dos talismãs da Igreja: a virgem.

Apesar de admoestar as mulheres com severas expressões, ele não deixa de classificar as virgens com diversos epítetos positivos, como, por exemplo, chamando-as de “virgens santas” (*De hab. uirg.*, 24), e evidencia:

Na realidade, ela [a virgem] é flor nascida do gérmen da Igreja, brilho e ornamento da graça espiritual, exuberante fruto, obra acabada e incorrupta digna de elogios e honra, imagem de Deus que reproduz sua santidade, a porção mais ilustre do rebanho de Cristo. Por meio delas goza a Igreja, nelas

⁷ Acerca desse debate, consultar o artigo *Women in Roman Baths*, de Roy Bowen Ward.

⁸ Tertuliano viveu entre finais do século II e início do século III. Foi considerado pelos estudiosos da História do Cristianismo, como Ubinã (2003, p. 177), um dos maiores apologistas do Ocidente e um grande opositor dos movimentos heréticos – como o marcionismo e o gnosticismo –, e dos judaizantes espalhados pelo norte da África. De acordo com Tertuliano, no período concernente ao final do século II e início do III havia na África um grande número de cristãos das mais variadas profissões e grupos sociais (MAHJOUBI, 1985, p. 505). Tertuliano escreveu diversas obras, entre elas alguns escritos apologéticos e outros disciplinares, como *De cultu feminarum*, *De spectaculis*, *De exhortatione castitatis*, dentre outros.

floresce esplendidamente a admirável fecundidade da Igreja Mãe e, à medida que cresce o número de virgens, cresce a alegria da Mãe (*De hab. uirg.*, 3).

Além das várias passagens nas quais fica evidente a visão de Cipriano acerca daquelas virgens cristãs que continuam a preservar seus antigos hábitos, anteriores à conversão, o bispo lista os benefícios obtidos por aquelas que correspondiam à ideia de virgem “legítima”. Ele diz que as virgens são preservadas de diversos tipos de sofrimentos:

Está reservada a ti a magnífica recompensa, o grande prêmio da virtude, o maior dom da castidade. Queres saber de que males te livra e que benefícios trará a virtude da castidade? *Multiplicará*, diz Deus à mulher, *tuas angústias e gemidos, e parirás com dor, te sujeitarás a teu marido e ele terá domínio sobre ti* (*Gen*, 3, 16). Vós estais livres desta sentença, não terás que temer as angústias e os gemidos das mulheres; nenhum temor ao parto dos filhos, nem o domínio do marido; vosso Senhor é Cristo, vosso esposo, com quem compartilhas vossa sorte e condição (*De hab. uirg.*, 22).

E admoesta as virgens, dizendo:

Vós já possuíis a glória da ressurreição neste mundo; [...]. Se perseverardes castas e virgens, serão iguais aos anjos de Deus. Apenas permaneça firme e incorrupta vossa virgindade e, como começou com determinação, continuem com obstinação; não busqueis enfeites e roupas, mas os hábitos de costume (*De hab. uirg.*, 22).

Cipriano se preocupa com a *pudicitia* e com a perseverança da oblação voluntária realizada pelas virgens, por isso, embora repreenda as mesmas, tece também vários elogios a elas e à principal virtude, a virgindade. Para ele, as virgens devem perseverar no caminho empreendido da consagração e entrega total a Deus. A recompensa para as virgens que agem da maneira correta, de acordo com os ensinamentos de Cipriano, é “quase tão magnífica quanto a dos mártires” (*De hab. uirg.*, 2).

Considerações finais

O cotidiano dos cristãos nas *ciuitates* norte africanas é um tema de estudo ainda pouco explorado nas pesquisas contemporâneas acerca do Império Romano.

Creemos que as obras de Cipriano de Cartago, entre elas o tratado *De habitu uirginum*, possam nos auxiliar nessa empreitada, pois apresentam-nos episódios da vida diária dos cristãos na cidade de Cartago. Tendo em vista esta possibilidade, nossa análise se aproximou, mesmo que de forma preliminar, em razão dos limites deste artigo, de questões relacionadas à chamada História do Cotidiano. Seguir tal rumo de investigação nos possibilita observar o modo como se davam os contatos, os conflitos e as negociações no espaço da *ciuitas* cartaginesa, permitindo demonstrar o jogo das relações capilares de poder entre os cristãos – principalmente, os recém-convertidos, como as virgens – e as recomendações emanadas por Cipriano no âmbito de Cartago.

Os estudos acerca do cotidiano se popularizaram e se tornaram relevantes com os pesquisadores da Escola dos *Annales*. O interesse pertinente ao cotidiano tem uma relação íntima com a própria busca de interdisciplinaridade deste grupo. A aproximação da História com a Antropologia, a Arqueologia e a Sociologia fez com que o cotidiano pudesse se apresentar como um tema potencial de estudos. Assim, os atos banais do dia a dia dos indivíduos começam a ser vistos como fatos sociais, relacionados a estruturas que informam as ações corriqueiras dos homens em sociedade (DEL PRIORE, 1997).

O cotidiano era entendido como o lugar por natureza dos hábitos consuetudinários, dos costumes ancestrais que comprimiam as ações dos indivíduos e que, se possuísse algum movimento ou mudança, só poderia ser verificado numa longuíssima duração (GUARINELLO, 2004). Esta compreensão estática do conceito de cotidiano só começou a ser posta em dúvida a partir dos anos 1970. Em *O cotidiano e a história* (2008), Agnes Heller criticou esta concepção imobilizadora e revestiu o cotidiano como o lugar, ao mesmo tempo, do contínuo e da ação, dos hábitos ancestrais e das revoluções.

Nossa intenção aqui não foi esgotar toda a discussão acerca do tratado *De habitu uirginum*, mas demonstrar a atuação de um bispo, Cipriano, numa conjuntura turbulenta para as comunidades cristãs – perseguições de Décio e Valeriano –, e o cotidiano vivenciando por este bispo, seus fieis e os adeptos de outras crenças.

Observamos que os escritos de Cipriano nos informam acerca da conduta que o bispo esperava de um cristão “legítimo” e realmente comprometido com sua comunidade. Ao nos informar a respeito do comportamento das cristãs virgens, dos

cristãos ricos, de como os cristãos deveriam agir frente às situações adversas – como perseguições, cismas, pestes, entre outros infortúnios –, e dos espaços citadinos que deviam ser evitados, Cipriano nos leva a conjecturar que os cristãos não estavam se comportando da forma desejada pelo bispo.

Podem ter sido várias as razões que levaram Cipriano a se preocupar com a questão do comportamento das virgens cristãs, a princípio, porém, é possível supor que, apesar da conversão à nova crença, os comportamentos culturais e sociais anteriores, como vestimentas, casamento, alimentação, diversão, etc., ainda permaneciam os mesmos. A virgindade, na visão de Cipriano, referia-se não somente à questão física, mas, também, à aparência. Ele diz que “a continência e a castidade não consistem somente na integridade da carne, mas também na dignidade e recato do vestido e do adorno [...]” (*De hab. uirg.*, 5). Justifica-se, assim, uma tentativa por parte do bispo cartaginês de anunciar uma distinção entre “nós” – os cristãos – e “os outros” – pagãos, judeus, hereges –, ou seja, entre “aquelas mulheres” e as “nossas mulheres”.

As práticas socioculturais greco-romanas se encontravam muito arraigadas na sociedade norte africana, mas os cristãos deveriam possuir uma distinção, uma marca em relação ao que era “comum”. Não à toa, Cipriano, ao exortar os cristãos, sobretudo as virgens cristãs, a compor um modelo de conduta idealizado, ensina e propõe uma nova conduta social (SIQUEIRA, 2004, p. 186).

Creemos, desse modo, que, ao admoestar as suas companheiras de fé, Cipriano tentava preservar a reputação das virgens cristãs, que eram, segundo o bispo, primordiais para a notoriedade da Igreja e de seus membros. Elas deviam ser lembradas como virgens consagradas que, juntamente com as mães exemplares e as viúvas continentas, seriam encarregadas dos cuidados com os pobres e doentes. Deviam ser, primordialmente, modestas, educadas, dóceis, reflexos da verdadeira crença em Cristo.

Cipriano tenta demonstrar que aquelas que estavam fora do modelo ideal de virgem atraíam para si a vergonha, a desonra, a infâmia, a indignidade. Eram elas as recém-convertidas ao cristianismo, mas, que de uma forma ou de outra, ainda preservavam seus antigos hábitos anteriores à conversão, sobretudo as provenientes das camadas sociais mais elevadas, que não se preocupavam em se comprometer com o modelo de simplicidade e modéstia que Cipriano desejava.

Considerando que mesmo as religiões mais zelosas de seu estatuto de pureza não se encontravam, absolutamente, protegidas de hibridismos e sincretismos de

todos os tipos, e que seus adeptos se moviam num meio marcado pelo pluralismo, assumindo, a todo o momento, o papel de intermediários nas trocas culturais, abre-se a possibilidade para pensarmos na existência de comunidades e indivíduos que transitavam entre sistemas religiosos distintos.

Não obstante esse esforço sistemático de separação executado por bispos, presbíteros e diáconos, mediante o exame das fontes disponíveis para o estudo das relações entre o cristianismo, o paganismo e o judaísmo no Império Romano, é possível constatar uma aproximação cotidiana entre cristãos, pagãos e judeus. Acreditamos que a fronteira entre as três crenças era apenas uma separação imaginada. Esse ponto de contato entre elas foi, em realidade, um espaço para a transição de pessoas e práticas religiosas. Inovações que permearam a passagem da fronteira em ambos os sentidos.

Referências

Documentação primária impressa

CIPRIANO DE CARTAGO. *Cartas e Tratados*. Introdução, versão e notas de Julio Campos. Madrid: BAC, 1964.

Obras de apoio

AUGÉ, M. Puro/Impuro. In: ROMANO, R. (dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, p.55-73, v. 30.

ALEXANDRE, M. Do anúncio do Reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos. In: PERROT, M.; DUBY, G. (orgs.). *História das mulheres no Ocidente – A Antiguidade*. Porto: Afrontamento, 1990, p. 511-563. v. 1.

AUDOLLENT, A. *Carthage romaine: 146 avant Jésus-Christ – 698 après Jésus-Christ*. Thèse pour le doctorat. Faculté des letters, Université de Paris, 1901.

BOYARIN, D. *Border lines: the partition of Judaeo-Christianity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007.

BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

- CAMPOS, J. Introdução. In: CIPRIANO DE CARTAGO. *Cartas e Tratados*. Madrid: BAC, 1964.
- DEL PRIORE, M. História do cotidiano e a vida privada. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 259-274.
- DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- FINLEY, M. As mulheres silenciosas de Roma In: _____. Aspectos da Antiguidade: descobertas e controvérsias. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990, p.142-155.
- GAUER, R. M. C. Da diferença perigosa ao perigo da igualdade: reflexões em torno do paradoxo moderno. *Civitas*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 399-413, 2005.
- GÓMEZ, R. S. *El corpus epistolar de Cipriano de Cartago (249-258): estructura, composición e cronología*. Tese de doutorado. Programa doctorado: "Mediterrània: Prehistòria i Món Antic, Departament de Prehistòria, Història Antiga i Arqueologia, Facultat de Geografia i Història, Universitat de Barcelona, 2002.
- GRIMAL, P. *As cidades romanas*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- GUARINELLO, N. L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 48, p. 13-38, 2004.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- KRAEMER, R. S. Jewish women and women's Judaism(s) at the beginning of Christianity. In: _____. *Women & Christian origins*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 50-79.
- MAHJOUBI, A. O período romano e pós-romano na África do norte. In: MOKHTAR, G. (coord.). *História geral da África*. São Paulo: Ática, 1985, p. 473-509.
- PAGELS, E. *Adão, Eva e a serpente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- RIBEIRO JR., J. *Pequena história das heresias*. Campinas: Papirus, 1989.
- SILVA, G. V. As mulheres e os perigos da cidade: casamento espiritual, virgindade e prostituição segundo João Crisóstomo. In: LEITE, L.; SILVA, G. V. da; CARVALHO, R. N. B.; FRANCALANCI, C. (orgs.). *Figurações do masculino e do feminino na Antiguidade*. Vitória: PPGL, p. 33-51, 2011.
- SIQUEIRA, S. M. A. Instruir as mulheres: admoestação à modéstia do *De cultu feminarum* de Tertuliano. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 33, n. 2, 2011, p. 183-190.

- _____. Reflexões sobre política e igreja no século IV: um olhar para as mulheres cristãs. *Dimensões*, Vitória, v. 25, p. 148-163, 2010.
- _____. A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho – séc. II-V d. C. Tese de doutorado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis, 2004.
- _____. A efervescência discursiva sobre as mulheres nos movimentos marginais do cristianismo primitivo e as respostas da patrística. In: FUNARI, P. P. A.; FEITOSA, L. C.; SILVA, G. J. da (orgs.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: UNICAMP, p. 375-390, 2003.
- UBIÑA, J. F. El cristianismo greco-romano. In: SOTOMAYOR, M.; UBIÑA, J. F. (coords.). *Historia del cristianismo: el Mundo Antiguo*. Granada: Trotta, 2003, p. 227-292. t. 1.
- WARD, R. B. Women in Roman baths. *The Harvard Theological Review*, v. 85, n. 2, p. 125-147, 1992.